

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM HISTÓRIA

ALEXANDRE FAYRDIN BELLINTANI FILHO

CONTATO E TRANSPOSIÇÃO: A LÍNGUA GERAL PAULISTA EM SÃO
VICENTE (1595-1622)

São Paulo

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM HISTÓRIA

ALEXANDRE FAYRDIN BELLINTANI FILHO

CONTATO E TRANSPOSIÇÃO: A LÍNGUA GERAL PAULISTA EM SÃO
VICENTE (1595-1622)

Projeto de Mestrado apresentado para a banca de TCC para obtenção do título de Bacharel em História pela PUC-SP, orientado pelo Prof. Dr. Alberto Luiz Schneider e com coorientado pelo Prof. Dr. Fernando Torres Londoño

São Paulo

2023

SUMÁRIO

1. Resumo.....	4
2. Abstract.....	5
3. Apresentação do tema.....	6
4. Breve biografia, aspectos (bio)formativos do Pe. José de Anchieta e as inferências de seu percurso em sua obra de vida.....	7
5. A Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil (1595) e suas implicações e reverberações sociolinguísticas formativas.....	10
6. Para uma hibridização intercultural plurilíngue invasiva: especificidades e particularidades prático-teóricas.....	12
7. Problemática.....	15
8. Referenciais teórico-metodológicos.....	16
9. Justificativa.....	17
10. Objetivos.....	18
11. Considerações preliminares.....	19
12. Cronograma de trabalho.....	20
13. Bibliografia.....	21
14. Fontes.....	24

1. Resumo

O presente projeto tem como primordial prospecto o rastreio, mapeamento, registro e análise do surgimento da língua geral paulista, a qual já se demonstra viva no século XVI, na costa sul litorânea vicentina, a averiguação e exposição de suas especificidades de composição linguística, seus agentes e meios de circulação, hibridismos culturais, religiosos e, se e como se deu a influência político-administrativa do Diretório Pombalino (ou dos Índios), de 1757, sobre a mesma língua geral, sob ótica civilizatória., além da análise subsequente da terminologia *Glotocídio* e sua inferência no percurso do entendimento e concepção da língua geral paulista.

Palavras-chave: Língua Geral, Língua Geral Paulista, Língua Geral Amazônica, Guarani, São Vicente, história linguística, História da Linguística

2. Abstract

The present project's primary prospect is the tracking, mapping, recording and analysis of the emergence of the general language of São Paulo, which is already demonstrated to be alive in the 16th century, on the south coast of Vicentina, the investigation and exposure of its specificities of linguistic composition, its agents and means of circulation, cultural and religious hybridisms and, if and how the political-administrative influence of the Pombalino Directory (or of the Indians), of 1757, occurred on the same general language, from a civilizational perspective., in addition to the subsequent analysis of Glotocide terminology and its inference in the understanding and conception of the general language of São Paulo.

Keywords: Língua Geral, Língua Geral Paulista, Língua Geral Amazônica, Guarani, São Vicente, Linguistic History, History of Linguistics

3. Apresentação do tema

Concomitantemente com o surgimento evidente da língua geral paulista (LGP), afere-se também, a emergência de outras línguas gerais, cada uma delas, com suas especificidades sociolinguísticas particulares perceptíveis, como, a vias de exemplo, a língua geral amazônica (LGA), mais conhecida como Nheengatu desde o oitocentos (séc. XIX) no norte brasileiro ainda no período colonial, fruto do contato entre soldados portugueses e os povos originários tupinambás e o Guarani-criollo (GNC), decorrente do contato mais ao sul entre espanhóis e os habitantes anteriores indígenas guaranis. Desenvolver-se-ia, posteriormente, tal marco/surgimento, como um dos cruciais elementos constitutivos da formação cultural brasileira no âmbito do falar pois, como entendido aqui e pretendendo seguir tal premissa, língua não significa apenas uma transposição da abstração conceitual mentalizada do real para uma exposição verbal organizada e sistematizada visando, apenas, uma comunicação inteligível no eixo interrelacional. Significaria tão somente, um modo de pensar, exprimir, sentir, agir e existir, portanto, a língua englobaria e influenciaria nos moldes das esferas cultural, política, econômica, social e mental, perfazendo trajeto de duração incomensurável no eixo espaço-temporal, no que tange a historicidade e permanência de certos indutos e ocorrências formativas, as quais prevalecem até hoje, enquanto (trabalhadas aqui) como reminiscências histórico-linguísticas no que tange a vivacidade de certas palavras, significados, hibridismos linguísticos e reformulações gramaticais e lexicais, descrevendo-as e recolocando-as no cenário atual para se fazer cognoscível a sua inferência e reverência vocabular, com ênfase na consolidação da transposição linguístico-religiosa como forma de hibridização intercultural de modo invasivo, protagonizando a figura e contribuição do Pe. José de Anchieta neste processo e privilegiando a notabilidade, análise, registro e desenvolvimento crítico-reflexivo neste escopo temporal no âmbito da experiência lusitana missionária colonial.

Em primeira instância, o presente trabalho busca delimitar conceitualmente o que é uma língua geral e se deter, predominantemente, em seu objeto primordial, a obra *A Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil (1595)*, compartimentada e espelhada na língua geral paulista (LGP), tal língua geral (a paulista), se originou ainda no século XVI, na costa sul litorânea da São Paulo atual, conhecida naquele momento como província de São

Vicente, fruto do contato interétnico e linguístico entre indígenas tupi e colonos portugueses, por meio de casamentos, majoritariamente. Com isso, Fabiana Raquel Leite, com sua obra de incalculável importância, que se fez imprescindível sua contribuição para o desenvolvimento deste tema, denominada “A língua geral paulista e o “vocabulário elementar da língua geral brasílica”, vemos que:

A designação “língua geral” é, muitas vezes, caracterizada equivocadamente, na literatura, como sinônimo de Tupi, ou interpretada como uma criação jesuítica. Para Rodrigues (1996:6) essas asserções não possuem fundamentação histórica e linguística, pois, não se pode “confundir declarações feitas por cronistas de que tal língua era geral, ou a mais geral, ou ainda usada em certa região, com a expressão lexicalizada língua geral (RODRIGUES, 1996:13 – grifo do autor). (LEITE, 2013, p.7)

No intuito de um demonstrativo em relação a complexidade que veremos, também, da definição conceitual de língua geral, apenas referencio tal trecho como modo de explicitar brevemente uma das tantas classificações. Por conseguinte, em segundo momento, colocaremos em pauta analítica, a problemática imbricada em toda a reflexão crítica surgida da averiguação historiográfica de fontes e sua articulação com a bibliografia levantada, onde identificamos tal problemática no conjunto de usos da língua geral paulista (como se deu, por quem, onde, quando, em quais condições etc.), assim como seus desusos e proponentes extintivos, ou seja, quais foram os motivos ou mecanismos utilizados para tal. Veremos neste segundo momento ainda, quais foram as nuances historiográficas de autores como José de Anchieta e Eduardo de Almeida Navarro dentro de cada *climate of opinion*¹.

Por fim, mapearemos, registraremos e demonstraremos, em um esforço linguístico e até mesmo, filológico, talvez, as formulações e reformulações linguísticas da língua geral paulista na experiência singular do Brasil Colônia, entre recorte de 1595 e 1622, aprimorando e ampliando a ideia de língua ainda viva e recorrente, de um modo ou outro, nos nossos dizeres, sentir e no nosso próprio existir, em suma, como tais falares, contatos e transposições influenciaram e culminaram em ações, extirpações, construções e remodelações, de hábitos, no modo de vida e *modus pensandi*, no ontem e hoje como parte da construção e formação cultural brasileira.

¹ 1. Conceção extraída da obra de Ronaldo Batista, onde, em suma, significar-se-ia o grau, amplitude e especificidades da recepção geral de dada formulação intelectual/ideia em dada conjuntura histórica ou época.

4. Breve biografia, aspectos (bio)formativos do Pe. José de Anchieta e as inferências de seu percurso em sua obra de vida

José de Anchieta² nasceria em 19 de março de 1537, em San Cristóbal de la Laguna, na cidade de Tenerife, localizado na Espanha atual. Aos 14 anos de idade, ingressa no Colégio Jesuítico de Coimbra, destacando-se por sua magnificência relativa à facilidade de composição latina, conferindo o reconhecimento alheio em relação ao mesmo baseado neste ponto pela denominação dos que se encontravam ao seu redor, de “el canario de Coimbra”.

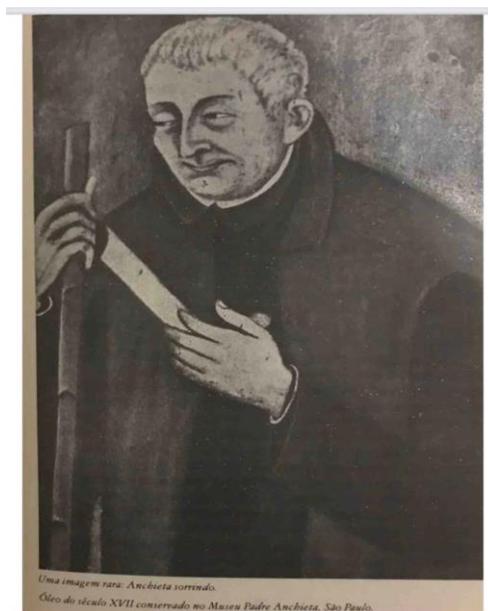


Figura 1: Pe. José de Anchieta sorrindo

Uma de suas contribuições de cunho mais reverente se situa no âmbito de ação jesuítico-missionária da Companhia de Jesus, quando de sua chegada ao território brasileiro em 13 de julho de 1553, atracando na Bahia, de modo a iniciar suas atividades de catequização com um diferencial instrumental singular, próprio de seu traço: o caráter inovador de uma pedagogia missionária. A importância desta figura se respalda ainda mais quando observamos um panorama de maior amplitude em relação a seus feitos, efeitos e reconhecimento, principalmente no que diz a língua, o Tupi, a língua geral e o estabelecimento de comunicação entre um eixo linguístico autóctone (a língua Tupi) e outro eixo alóctone (o português lusitano), para fins exemplificativos com um viés mais elucidativo, segue trecho o qual prima por tal descrição:

² Cf. Gasbarro, 2009, pp.79-95

Durante la sua permanenza in Brasile, egli non lesinò le sue energie e i suoi sforzi non solo per convertire ed evangelizzare in senso cristiano, ma anche per promuovere una profonda e autentica opera di promozione sociale, economica, culturale e civile delle popolazioni indigene. Il 9 giugno del 1597 al morte lo colse all'età di 63 anni, mentre si trovava tra gli indios di Reritiba che da allora assunse il nome di Anchieta. Ben presto iniziarono a circolare voci sulle sue virtù taumaturgiche e sui miracoli da lui compiuti anche in vita; le sue virtù furono dichiarate eroiche da Clemente XI nella festa di S. Lorenzo il 10 agosto del 1736. Il 22 giugno del 1980 Giovanni Paolo II lo ha beatificato ribadendo il meritato titolo di "Apostolo del Brasile" che gli aveva attribuito il vescovo di Rio de Janeiro nel corso delle esequie. La popolarità di Anchieta è tale in Brasile che il 9 giugno, ricordo della sua morte, è festa nazionale. (GASBARRO, 2009, p.81)³

Tais inferências formativas, somado a organicidade de seus atributos inerentes, fizeram de Anchieta, um sensível e indispensável agente histórico o qual fomentou não apenas uma catequização unilateral na propagação, inserção e conversão da Santa Fé, mas geriu uma instrumentalização e processo pedagógico que se imbricaria, mesclaria e, subsequentemente, produziria novos códigos simbólicos mentalizados na tradução e apreensão abstrata da realidade por meio da linguagem, novos falares, fazeres, pensares, etc. No eixo da sensibilidade e labor no setor do plurilinguismo anchietano⁴, vale-se destacar que:

Oltre ad essere stato un intrepido missionario, Anchieta fu anche prolifico e intenso scrittore e, a ragione, si può dire che con lui iniziò la letteratura brasiliana. È fin troppo noto che per la Compagnia di Gesù era fondamentale anche l'attività culturale pragmaticamente orientata secondo finalità pedagogiche: attraverso l'istruzione, la predicazione, la catechesi, si puntava a conquistare anime al Regno di Dio, senza perdere di vista però l'incidenza nei termini di profitto sociale, e più genericamente, umano. In questa dinamica si inserisce naturalmente Anchieta di cui a noi sono pervenuti, in forma diretta e indiretta, molteplici scritti che appartengono a tipi e generi testuali diversificati e per la stesura dei quali, a seconda delle circostanze, ricorreva con versatilità al portoghese, allo spagnolo, al latino, al tupi con autentica sensibilità plurilingue. Secondo una prassi missionaria gesuitica e non solo, nell'ambito di una trilogia linguistica Anchieta comprese in tupi alcune opere catechetiche in cui cercò di adattare alla mentalità degli indios alcune

³ Traduz-se por: "Durante sua estadia no Brasil, não poupou energias e esforços não só para converter e evangelizar no sentido cristão, mas também para promover um trabalho profundo e autêntico de promoção social, econômica, cultural e civil das populações indígenas. Em 9 de junho de 1597 faleceu aos 63 anos, enquanto estava entre os índios de Reritiba que desde então assumiram o nome de Anchieta. Logo começaram a circular rumores sobre suas virtudes taumatúrgicas e os milagres que ele realizou ainda em vida; suas virtudes foram declaradas heróicas por Clemente XI na festa de S. Lorenzo, em 10 de agosto de 1736. Em 22 de junho de 1980, João Paulo II o beatificou reiterando o merecido título de "Apóstolo do Brasil" que o bispo do Rio de Janeiro havia conferido durante o funeral. A popularidade de Anchieta no Brasil é tanta que o dia 9 de junho, data de sua morte, é feriado nacional. (GASBARRO, 2009, p.81)

⁴ Cf. Agnolin, 2007, pp.77-107

categorias cristãs (Doctrina christiana pleniorque Catechismus eadem lingua explicatus), um vocabolário (Dictionarium ejusdem lingua brasilicae) e uma gramática (Arte de gramática da lingua mais usada na costa do Brasil), além de numerosos outros diálogos e instruções catequéticas e pastorais; também elaborou algumas crônicas e relatórios por meio dos quais preservou informações preciosas sobre a realidade dos índios e do Brasil da época, informações que também podem ser integradas ao seu Epistolário. (GASBARRO, 2009, pp.81-82)⁵

5. A Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil (1595) e suas implicações e reverberações sociolinguísticas formativas

A fonte selecionada, exposta e analisada neste presente espaço dedicado a isto, de autoria do Padre José de Anchieta, publicada em 1595, assim como marco de circulação impressa, se demonstrou uma obra de caráter missionário e catequético, confeccionado minuciosamente nos aspectos gramaticais, lexicais e técnico-linguísticos, direcionado indubitavelmente para um sentido evangelizador para a empreitada então chamada “Conquista da Alma”⁶ no Novo Mundo e voltado para os demais jesuítas e missionários da Companhia, esta, a qual teria adotado a produção de Anchieta como um verdadeiro manual para tal atividade missionária.

⁵ Traduz-se por: “Além de um intrépido missionário, Anchieta também foi um escritor prolífico e intenso e, com razão, pode-se dizer que a literatura brasileira começou com ele. É sabido que a atividade cultural orientada pragmaticamente segundo objetivos pedagógicos foi também fundamental para a Companhia de Jesus: através da instrução, da pregação, da catequese, pretendia-se ganhar almas para o Reino de Deus, sem perder de vista, no entanto, a incidência em termos de lucro social e, mais geralmente, humano. Naturalmente, Anchieta enquadra-se nesta dinâmica da qual temos recebido, de forma direta e indireta, múltiplos escritos pertencentes a diversos tipos e gêneros textuais e para cuja redação, dependendo das circunstâncias, recorreu com versatilidade ao português, espanhol, Latim, Tupi com autêntica sensibilidade plurilingue. Seguindo uma prática missionária jesuítica e não só, como parte de uma trilogia linguística Anchieta compôs algumas obras catequéticas em tupi nas quais tentou adaptar algumas categorias cristãs (*Doctrina Christiana Pleniorque Catechismus Eadem Lingua Explicatus*), um vocabulário (*Dictionarium ejusdem lingua brasilicae*) e uma gramática (*Arte de gramática da lingua mais usada na costa do Brasil*), além de inúmeros outros diálogos e instruções catequéticas e pastorais; também elaborou algumas crônicas e relatórios por meio dos quais preservou informações preciosas sobre a realidade dos índios e do Brasil da época, informações que também podem ser integradas ao seu Epistolário. (GASBARRO, 2009, pp.81-82)

⁶ A então nomeada *Conquista da Alma* fora colocada em diversos registros, sejam eles em caráter de crônica, em formato de produção literária ou, até mesmo, obras/produções acadêmico-históricas, refere-se amplamente ao esforço catequético singular e específico para domar a alma indígena, não sendo suficiente apenas uma mera conversão superficial.



Figura 2: Página inicial da obra de Anchieta

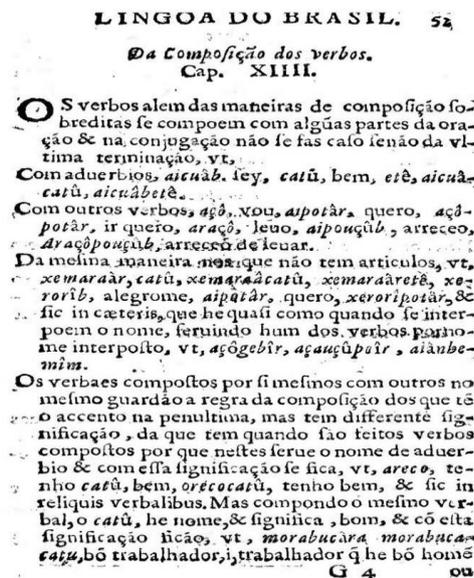


Figura 3: Parte que mostra as especificidades catequético-manuais da obra

Algumas das especificidades do esforço linguístico-catequético feito e concretizado por Anchieta em sua obra, podem ser vistas em alguns pontos de sua respectiva produção instrutiva, mas não apenas esta, como também o fora *Diálogos da Fé* (1554?), quando da comunicação estabelecida e convertida em transposição sociolinguística religiosa, preste-se a correlação “M”, quando a fala/indagação for proferida pelo Mestre e “D” representando a fala do Discípulo, em uma sucessão de perguntas e respostas:

M. *Abápasé sumara?* (Quem é nosso inimigo?)

D. *Añanga* (O Demônio)

E eis o esclarecimento no diálogo que se abre:

M. *Ojerokype asé Cruz supé?* (Havemos de fazer reverência à Cruz?)

D. *Ojeroky* (Havemos de fazer reverência!)

M. *Mara ybyrá supéñépé asé jerokyu?* (Daí, como diante do pau a gente reverencia?)

D. *Aáni; saangábijára supé, sesé omaenduáramo* (Não, apenas na condição de nos lembrar diante do seu significar)

M. *Abápe Cruz raangábijára?* O (que significa 'Cruz'?)

D. *Jandé Jára Jesu Cristo.* (Nosso Senhor Jesus Cristo!)

E, mais para frente, continua Anchieta:

M. *Mara itánépe, kopió ybyrá, naúma imonángimbra népe asé omoeté?* (Como a pedra, ou o pau, o barro de que são feitas [as imagens] honra a gente?)

D. *Aáni; saangábijáraé, saangábamo sekóremené, sesé omaenduáramo.* (Não, o que significa na condição de significar, para nosso lembrar!)

Tais peculiaridades instituem-se no momento dialético e dicotômico entre o europeu recém-chegado ao novo continente que fora posteriormente identificado e o denominado “Outro” (formulação conceitual que gira em torno de uma alteridade formada pelo disforme, discrepâncias ontológico-identitárias e humanas, composta por Enrique Dussel em sua magnânima obra de nome “1492: a descoberta da América”), entre eles, então, haveria uma necessidade latente de construção de uma ponto de duplo sentido, uma dupla via de recebimentos, exportações e importações de linguagens, símbolos, interpretáveis e reformulações, necessidade esta suprida, ao seu modo singular e único que apenas a experiência colonizadora de estabelecimento de uma colônia (aspecto sobre o qual nos deteremos a seguir) pôde propiciar, pelas línguas gerais, o teatro Anchietano, a consagração do matrimônio por indígenas do Novo Mundo e colonos portugueses, gerando mamelucos, etc.

6. Para uma hibridização intercultural plurilíngue invasiva: especificidades e particularidades prático-teóricas

Como no trecho supracitado a seguir, nossa premissa se inicia por um similar viés:

[...] é simplista presumir que desenvolvimentos culturais de tal amplitude tenham emergido como resultado de uma única cultura superior “instruindo”

e “aprimorando” outra cultura menos desenvolvida. Em vez disso, nesse ponto da história do Mediterrâneo, havia conjuntos semelhantes de desenvolvimentos culturais em marcha em vários lugares. O contato transcultural com vizinhos teve uma influência considerável sobre os romanos. No entanto, os romanos não adotaram as tradições de outras culturas de alguma forma ingênua, nem as alteraram de modo apenas superficial, como dar nomes latinos para deuses gregos. Ao contrário, como sempre ocorre na influência transcultural, tudo o que as pessoas adotam de outro povo é adaptado para seus próprios fins – fazem mudanças para se adequar a elas e, dessa forma, a transformam em coisas próprias. É mais preciso pensar no contato transcultural como um tipo de competição de inovação entre iguais do que como um “superior” que ensina um “inferior”. O desenvolvimento cultural é um processo histórico complexo, e historiadores apenas revelam a pobreza do próprio entendimento se falam da dominância de uma cultura antiga sobre outra ou da corrupção de uma cultura “primitiva” por outra “avançada”. Os romanos, como outros povos, desenvolveram seus próprios modos de vida por meio de um complexo processo de invenção e adaptação independente dos modos de outros povos. (MARTIN, 2015, p.32-33)

Tal acepção feita acima, engendra uma perspectiva analítica alternativa/paralela, de entendimento, a de a cultura e seu manejo, seja ele qual for, ser uma via de mão dupla, onde a isenção de seus efeitos newtonianos no plano sociocultural prevalecendo pureza total ou intocabilidade e mutabilidade no *modus pensandi* de quem aponta a lança (a)cultural em apenas uma direção, seguramente, é uma utopia. Bom exercício de demonstração se deu na catequização jesuítica do Brasil em seu período colonial, transpondo conceitos, códigos, símbolos e linguagens, transformando a língua em seu próprio meio e por ela mesma, quando, nos conflitos estamentais entre clero, colonos/colonizadores e indígenas, os jesuítas se propuseram a não apenas transmitir, induzir ou incutir uma língua, ideia ou doutrina, mas apresentá-las e deixá-las “abertamente” e, necessariamente, a uma reformulação mental, linguística, cultural e mítica indígena, em seus elementos de crença mais fundamentais, em noção de Deus, pecado, batismo, a prática da antropofagia e cauinagem. A guisa de exemplo destacado, vale expor:

O projeto de transpor para a fala do índio a mensagem católica demandava um esforço de penetrar no imaginário do outro, e este foi o empenho do primeiro apóstolo. Na passagem de uma esfera simbólica para a outra Anchieta encontrou óbices por vezes incontornáveis. Como dizer aos tupis, por exemplo, a palavra pecado, se eles careciam até mesmo da sua noção, ao menos no registro que esta assumira ao longo da Idade Média europeia? Anchieta, neste e em outros casos extremos, prefere enxertar o vocábulo português no tronco do idioma nativo; ele faz, e com mais fortes razões, com a palavra missa e com a invocação a Nossa Senhora:

Ejori, Santa Maria, x eanáma rausubá!

Vem, Santa Maria, protetora dos meus!

Tais casos são, porém, atípicos. O mais comum é a busca de alguma homologia entre as duas línguas com resultados de valor desigual:

Bispo é Pai-guaçu, quer dizer, pajé maior. Nossa Senhora às vezes aparece sob o nome de Tupansy, mãe Tupã. O reino de Deus é Tuparetama, terra de Tupã. Igreja, coerentemente é tupaóka, casa de Tupã. Almaéanga, que vale tanto para toda a sombra quanto para o espírito dos antepassados. Demônio é anhangá, espírito errante e perigoso. Para a figura bíblico-cristã do anjo Anchieta cunha o vocábulo karaibebê, profeta voador... (BOSI, 1992, p.65)

O modo e a dificuldade de transpor a noção de Deus com equidade de significado imbuída com uma integridade da mensagem da fé em seu eixo específico, delata Anchieta como sendo umas das peças fundamentais deste processo de hibridização intercultural e plurilingue, mesmo que invasiva da parte lusitana e violenta, como já o viemos, é realmente desafiador transcrever na abstração mítico-mental um Deus destrutivo e fenomenológico o qual fora Tupã em um Deus de infinita amabilidade, misericórdia e salvífico.

A noção de pecado, sua confissão e culpabilização também são deveras interessantes e indispensáveis de se conferir, feitas no plano da linguagem a qual, por ela, modificou e inovou para um novo e distinto estatuto mental. Com isso detalha-se o evento onde:

O termo pecado é um daqueles que mais parece controverso. Pela primeira vez, a tradução desse termo apresenta soluções diferentes dentro da própria obra anchietana. De fato, às vezes Anchieta usa o termo português dentro do discurso tupi, outras vezes traduz pecado por angaipaba. O termo em língua indígena, ao contrário, é utilizado uniformemente pelos outros autores: termos próprios nos dois catecismos kiriri, e o mesmo (contraído) anguípá no guarani de Montoya. No tupi, angaipão indica mal, maldoso e angaipaba indicaria a maldade; infelizmente, parece que o resultado das novas transcrições dos vocabulários afetaram profundamente a possibilidade de pensar de modo menos metafísico (ocidental) este conceito de mal indígena. Ao que nos parece, é interessante pensar (ou poder pesquisar), em que medida a expressão tupi pode derivar dos dois termos: o primeiro, "angá", e o segundo, (t)up-aba que significa, literalmente, lugar do estar deitado e que passou a indicar leito, lugar de pouso, pousada. Coisa viria a ser definida como um-novamente dúvida: como poderíamos chamá-lo? - estado psíquico (?), que corresponderia a um estar deitado da alma. (AGNOLIN, 2007, p.91-92)

Exemplificação esquadrihada do escopo de correspondência linguística homológico-semântica da crença tupi-cristianizada, pode ser conferida na íntegra a seguir, mediante tabela

expositiva a qual demonstra correlativos linguísticos e equidades conceituais de transposição de modo a, *pari passu* o avanço da catequização, se faz crucial sua análise e registro sistêmico.

Tabela 1: Tabela correlativa linguística⁷

Tupi	Português	Equivalência correlativo-linguística
<i>Pai-guaçu</i>	Bispo	Pajé-maior
<i>Tupã</i>	Deus	<i>Tupã</i> (conceitualmente composto pela abstração mítico-religiosa católica entendido agora, dentro da Trindade Pai-Filho-Espírito Santo)
<i>Tupansy</i>	Nossa Senhora/ Virgem-Maria	<i>Tupansy</i> enquanto mãe de Tupã, ou seja, mãe de Deus
<i>Tuparetama</i> (o reino de Deus se daria sob a égide deste mesmo nome, quer dizer terra de <i>Tupã</i>)	Igreja (reino de Deus trino)	<i>Tupaóka</i> (equivalente a casa de <i>Tupã</i>)
<i>apya'bebé</i> ou <i>karai'bebé</i>	Anjo bíblico-cristão	<i>Karaibebé</i> (profeta voador, vocábulo firmado por Anchieta)
<i>Angaipão/Aangaipaba</i>	Pecado	Para este novo e desconhecido conceito da doutrina cristã para os nativos, várias cabíveis soluções foram buscadas, uma delas é a denominação, produto subjetivo desta junção, exposto e usado

⁷ Tabela esquemática correlativo-linguística para melhor elucidação da transposição e formulação sociolinguística e catequética realizada por Anchieta

		como <i>angaipaba</i> na práxis missionária
<i>Yurupari</i> ou <i>Jurupari</i>	Demônio	<i>Anhanga</i> (espírito errante e perigoso)

7. Problemática

Dividir-se-á a problemática formulada em uma dupla ramificação: como se dera os usos da língua geral paulista no âmbito vicentino enquanto instrumentalização múltipla de interesses e utilidades multifacetadas, *pari passu* a processualística histórica no projeto colonizador lusitano no Novo Mundo, mediante um caráter catequético pelos jesuítas, cronista-científico e historiográfico, respectivamente observado pelo autor das fontes trabalhadas em José de Anchieta (1595).

Com isso, será trabalhado então, a problemática embasada nos preceitos de usufrutos instrumentalizados da antiga língua geral do Sul e suas especificidades, tentando demonstrar a constituição de um aparato político-administrativo e eclesiástico de hibridização intercultural plurilíngue caracterizado por um meio de cunho hostil.

8. Referenciais teórico-metodológicos

O método utilizado aqui se dera em consonância e coesão epistemológicas dentro do escopo da História, norteado pelas concepções historiográficas que se adequam aos usos devidos para a aferição, análise, interpretação e conseqüente confecção do trabalho exposto. Concomitantemente, a tentativa dialógica de conciliar determinadas premissas fundamentais da filologia e historiografia no sentido de averiguação dos efeitos perceptíveis dos eventos sociolinguísticos sob ótica de curta, média e longa duração, ancorada no perspectivismo teórico-prático, que fora apresentado por Fernand Braudel. Detém-se não com maior e desproporcional enfoque, mas como elemento de suma importância que merece igualmente ser destacado aqui, que é o suporte interdisciplinar da linguística, de modo mais delimitado e caracterizado, a História Linguística⁸, onde se adotaram algumas diretrizes, dentre tantas outras, que visam contemplar a complexidade multifacetada da formulação e composição histórico-linguística que permeia a língua geral paulista no XVII-XVIII, de dada forma que vale seu registro

⁸ Vale a leitura, para maior aprofundamento sobre a questão entre História e Linguística a obra de Ronaldo de Oliveira Batista *Introdução à Historiografia da Linguística*

contextualizado para conferir, crucialmente, um dos sustentáculos metodológicos mais úteis para a presente pesquisa.

Nos deteremos, para com um nível de apreensão crítico-interpretativa, contundentes ao direcionamento epistemológico da pesquisa empreendida, a segunda e terceira dimensões, apresentadas na obra “Introdução à Historiografia da Linguística”, de Ronaldo de Oliveira Batista⁹, ao passo que englobam o eixo temporal e social em uma esfera de complementaridade construtiva e não eixo dissociativo unívoco, de modo a engendrar e imbricar aspectos de produção, circulação e análise mais voltadas a outras vertentes e não apenas a teoria isolada da primeira dimensão, a qual recorre pragmaticamente, a uma análise rigorosa, fechada e acabada, portanto, dando a discussão como acabada. Ressalta-se a importância da interdisciplinaridade e contribuição da linguística neste trabalho, como chaves distintas para portas singulares, mas que, ainda assim, levam a um mesmo ponto: a construção do conhecimento na contemplação e ação dos meios de obtenção necessários e mais adequados a este fim. Citam-se, abaixo, os dois pontos metodológicos adotados, extraídos da obra de Batista como aportes teórico-histórico-linguísticos únicos:

- ❖ uma dimensão temporal, estabelecida pela periodização pertinente ao objeto de análise. Essa dimensão pode possibilitar ao historiógrafo postular uma linha de continuidade ou de descontinuidade no tratamento de determinado problema definido como foco de observação;
- ❖ uma dimensão social, que pode ser estabelecida, por exemplo, em torno da análise de comunidades de pesquisadores e das retóricas assumidas por eles (a partir da definição de um espaço social) em busca de legitimidade acadêmica, profissional e/ ou social. Essa dimensão dialoga com a visão de que a ciência e os saberes fazem parte de um complexo social que produz conhecimento de natureza pública, envolvido numa série de relações pessoais e profissionais que alcançam resultados a que determinado campo científico ou intelectual é capaz de chegar. Não se considera aqui a produção de um conhecimento distante da esfera social que a produziu, tendo em vista uma dinâmica operada por seus agentes de produção e recepção. Sendo assim, essa dimensão social trabalha também com a noção de clima de opinião - *climate of opinion*¹⁰, expresso

⁹ O autor se vale das especificidades diferenciais entre a Historiografia Linguística e a Historiografia da Linguística

¹⁰ Terminologia destinada a caracterizar o *modus operandi* histórico-conjuntural no que se aplica a recepção de determinadas ideias intelectuais e científicas em relação ao público

referente à atmosfera intelectual (KOERNER, 1995) -, categoria de análise que busca recuperar elementos sociais, históricos e culturais que podem estar envolvidos nas formas de tratamento de línguas e linguagem.

Juntamente ao escopo metodológico e portfólio metódico aderido, vale ressaltar a interlocução interdisciplinar entre História e Linguística, erigindo uma ponte de interseção analítica entre as duas áreas de conhecimento que, sob esta metodologia dialógico-crítica e interdisciplinar, confere lente mais abrangente e precisa sobre questões linguísticas, históricas e sociais e, ainda, como tratá-las da devida maneira que uma pesquisa deste porte demanda.

9. Justificativa

A seleção temática feita para contemplar esta pesquisa como apontamento norteador provém, primeiramente, de uma necessidade em âmbito acadêmico de somas maiores de produções historiográficas nas quais procurem desenvolver a temática aqui sugerida, em torno da antiga língua geral paulista, pouco falada entre historiadores e professores, em suma. Além, decerto, de implicar maior profusão de modelos teóricos e hipóteses historiográficas que evidenciem e trabalhem a problemática de seus desdobramentos sócio-históricos e linguístico-culturais posteriores, analisando e apresentando-nos a respectiva língua geral, seus aspectos característicos e temporais, sua permanência enquanto herança de determinada conjuntura histórica e sociolinguística além de, claro, demonstrarem o possível esgotamento desta língua ou desfecho, agregando, enfim, uma gama maior de possibilidades e cenários históricos em um mosaico explicativo dentro do limiar academicista. Carências estas, que creio serem deveras fundamentais para serem evidenciadas e fomentadas a se transformarem em preponderâncias, em uma produção histórica e linguística mais robusta e que melhor servirá a sociedade como um todo, efetivando também uma maior compreensão sobre o assunto em questão.

Por fim, vale-se ressaltar a urgência de produções voltadas a uma epistemologia obtida pelos componentes interdisciplinares, detidamente, a história e a linguística, erigindo resultados, interpretações e cenários de enorme valia no caráter historiográfico, a partir do viés de complementariedade histórica dos aspectos sociolinguísticos cognoscíveis, em outra forma de entendimento, buscasse por meio de outros aspectos da história, como a língua e linguística na sociedade do Brasil colônia, para uma maior elucidação e esclarecimentos conjunturais e contextuais de determinado período, procurando aporte também, em premissas da História da Linguística para a composição deste proponente de pesquisa.

10. Objetivos

Entre os objetivos desta pesquisa está a tentativa de desenvolver uma produção científica que agregue, tanto em sentido quantitativo quanto no qualitativo, no rol de produções que visualizam um mesmo horizonte temático, inserindo-se a devida importância e relevância histórico-sociais do tema, a emergência de discussões e debates ao redor da referida temática para uma maior multiplicidade no que tange o perspectivismo teórico e acadêmico, suscitando indagações, possíveis resoluções, modelos e possibilidades em caráter historiográfico permeado e auxiliado pela linguística, estabelecendo a premissa de melhor compreensão e verificação históricas quando com uma somática teórica, no caso, da disciplina linguística.

Busca-se também, mapear e conhecer a historiografia e as fontes sobre o surgimento da língua geral do Sul, conhecer a fundo as fontes, sobretudo a obra de Anchieta, mas também a de Martius, servindo-nos como aporte documental potencial em estudo e análise conjuntas com a obra de Anchieta. Seguimos no anseio de atingir concomitantemente com os objetivos listados acima, a sondagem e compreensão das razões que levaram o declínio da língua, focando-se no período do XVI e XVII colonial e a conjuntura político-administrativa que pairava e era cada vez mais embricada neste contexto.

Reitera-se evidentemente e crucialmente, a valorização e usufruto da interdisciplinaridade histórico-linguística que se pretende atingir ao usufruir analiticamente da mesma.

11. Considerações preliminares

Torna-se evidente a necessidade de um recrudescimento quantitativo e qualitativo no cerne das preocupações e atenções para com produções acadêmicas historiográficas no âmbito interdisciplinar entre História e Linguística, bem como o útil versamento nos campos da Filologia e Antropologia, o qual contemplem o eixo temático da então língua geral aqui pesquisada, já que, como demonstrado e desenvolvido, a língua geral paulista em São Vicente, em finais do quinhentos e primeira metade do seiscentos (respectivamente, séculos XVI e XVII), se faz como faceta outra do processo histórico-formativo na condução da colonização, dominação, catequização e aculturação, mediante instrumentalização linguística, a qual circunscreve e descreve uma plausível formulação conceitual, a de hibridização intercultural plurilíngue invasiva, no mesmo empreendimento colonial luso-americano.

12. Cronograma de trabalho

Compartimentalização de tarefas	Mar 2024	Abr 2024	Mai 2024	Jun 2024	Jul 2024	Ago 2024
Levantamento bibliográfico	X	X	X			
Leituras/ Fichamentos		X	X			
Redação e revisão da versão atualizada do Projeto				X	X	
Submissão do Projeto de Mestrado				X	X	
Entrevista					X	
Arguição/Defesa					X	

12. Bibliografia:

- [1] HOLANDA, Sérgio Buarque de. 2. A Língua-Geral em São Paulo. In: Raízes do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras. 1995. p. 122-133. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/188082/mod_resource/content/1/Raizes_do_Brasil.pdf>. Acesso em: 28 de agosto de 2023
- [2] PIRES, Cibélia Renata da Silva. O uso da língua geral e sua restrição na América portuguesa. Revista Espaço Acadêmico, São Paulo, n° 93, fevereiro de 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322103062_O_uso_da_lingua_geral_e_sua_restricao_na_America_portuguesa...>. Acesso em: 3 de set. de 2021
- [3] SILVA, Hosana dos Santos. Disciplina: breve introdução à história das línguas no Brasil. São Paulo, Editora Unifesp, 2015. p. 3-40. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/39177/COMFOR-PLIEI-Mod3-Dis1.pdf?sequence=1&isAllowed=y...>>. Acesso em: 3 de set. de 2021
- [4] LEITE, Fabiana Raquel. A língua geral paulista e o “vocabulário elementar da língua geral brasílica”. Campinas, SP. [s.n.], 2013. Disponível em: <<https://tupi.fflch.usp.br/sites/tupi.fflch.usp.br/files/A%20lingua%20geral%20paulista.pdf..>>. Acesso em: 28 de agosto de 2023
- [5] RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. “As línguas gerais sul-americanas”. Papia, vol. 4, no 2, 1996. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1791/1602...>>. Acesso em: 12 de março de 2023
- [6] FÁVERO, L. L. A política linguística na América Latina colonial e as línguas gerais. In: CONGRESO DE LINGÜÍSTICA GENERAL, 8., 2009. Actas...Madri, 2009. Disponível em: <<http://www.lllf.uam.es/clg8/actas/pdf/paperCLG64.pdf>>. Acesso em: 28 de agosto de 2023
- [7] NAVARRO, Eduardo de Almeida. O último refúgio da língua geral no Brasil. Estudos avançados, 2012, vol.26, n.76, p.245-254. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/jpgHfzMs3Nhksmy8fts9qm/?format=pdf&lang=pt...>>. Acesso em: 12 de março de 2023
- [8] SOUZA, P. D. S. LOBO, T. C. F. Da aplicação do Diretório Pombalino ao Estado do Brasil: povos indígenas e políticas linguísticas no século XVIII. A Cor das Letras, Feira de Santana, v. 17, n. 1, p. 46-59, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/alefa/Downloads/1445-7027-1-PB.pdf..>>. Acesso em: 12 de março de 2023
- [9] DIETRICH, Wolf. “O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico.” In: O Português e o Tupi no Brasil, por Volker Noll (Org.) e Wolf Dietrich (Org.).

São Paulo: Editora Contexto, 2016, 9-26. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Adietrich-2010-tupi/Dietrich_2010_O_tronco_tupi.pdf>. Acesso em: 28 de agosto de 2023

[10] SILVA-REIS, Dennys; BAGNO, Marcos. A tradução como política linguística na colonização da Amazônia brasileira. Revista Letras Raras, v. 7, n. 2, p. 8-28, 2018. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/334692622_A_traducao_como_politica_linguistica_na_colonizacao_da_Amazonia_brasileira>. Acesso em: 28 de agosto de 2023

[11] NOGUEIRA, Sérgio. Palavras que vêm das línguas indígenas. G1. 13 de maio de 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/palavras-que-vem-das-linguas-indigenas.html>>. Acesso em: 28 de agosto de 2023

[12] BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Introdução à historiografia da linguística. São Paulo-Cortez, 2013

[13] R. CÂMARA, J Mattoso. Língua e Cultura. Súmula de Conferência de 2h realizada no Museu do Índio do Rio de Janeiro, Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios, dentro do Curso de Aperfeiçoamento de Antropologia Cultural a respeito de Língua e Cultura. RJ, p.51-59, 1955. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/download/20046/13227>>. Acesso em: 3 de março de 2023

[14] CÂNDIDO, Antonio. Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo Sobre o Caipira Paulista e a Transformação dos Seus Meios de Vida. Rio de Janeiro: Rio Sobre Azul, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/alefa/Downloads/ANTONIO_CANDIDO---OS_PARCEIROS_DO_RIO_BONITO.pdf>. Acesso em: 3 de março de 2023

[15] MARTIN, Thomas R. Geografia, Ancestrais e Influências Culturais. In: Roma Antiga: de Rômulo á Justiniano. LEPM, 2014. P.22-33. Disponível em: <<file:///C:/Users/alefa/Downloads/MARTIN,%20Thomas%20R.%20Roma%20Antiga.pdf>>. Acesso em: 3 de março de 2023

[16] SILVA CAMARGO, Sheyla Hundzinski. O teatro de Anchieta e seu processo pedagógico. P.1-23. Disponível em: <http://old.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Sheyla_Camargo.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2023

[17] SILVA, M. (2006). Gramática e historiografia linguística: reflexões acerca de alguns princípios metodológicos. Revista Do GEL, 3, 59–66. Disponível em:

- <<https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/325>>. Acesso em: 10 de março de 2023
- [18] Dicionário Priberam. Disponível em: <Dicionário Priberam Online de Português Contemporâneo/>. Acesso em: 12 de março de 2023
- [10] Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 10 de março de 2023
- [19] Dicionário Michaelis via UOL. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 12 de março de 2023
- [20] OXFORD LANGUAGES DIGITAL. Disponível em: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>>. Acesso em: 10 de março de 2023
- [21] SCHNEIDER, Alberto Luiz. Capítulos de história intelectual: racismos, identidades e alteridades na reflexão sobre o Brasil.- 1. Ed.- São Paulo: Alameda, 2019, p.187-215. Disponível em: <<https://onedrive.live.com/?cid=C037B260950F05A2&id=C037B260950F05A2%211266&parId=root&o=OneUp>>. Acesso em: 23 de fev. de 2022
- [22] DUSSEL, E. 1492 o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt; tradução Jaime A. Clasen. - Petrópolis, RJ Vozes, 1993. Disponível em: <https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/45.1492_O_encobrimento_do_outro.pdf>. Acesso em: 12 de março de 2023
- [23] GALINDO, Caetano W. Latim em Pó: um passeio pela formação do nosso português. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- [24] DESCOLA, Philippe. Outras naturezas, outras culturas. Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo, Ed. 34, 2016.
- [25] GASBARRO, Nicola. *Le lingue dei missionari*. Roma: Bulzoni Editore, 2009. pp.79-95
- [26] AGNOLIN, A. Jesuítas e Selvagens- A Negociação da Fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (séc. XVI-XVII). 2. ed. São Paulo: Editora FFLCH (USP), 2022. pp.77-107
- [27] BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. pp.64-93
- [28] KARNAL, Leandro. Teatro da Fé. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998. pp.191-219
- [29] Brasil. [Constituição (1988)] Mundu Sa Turusu Waá : Ubêuwa Mayé Mira Itá Uikú Arãma Purãga Iké Braziu Upé / Tradução Dadá Baniwa, Edson Baré, Edilson Martins Baniwa, Melvino Fontes Olímpio, Sidinha Gonçalves Tomas, Dime Pompilho Liberato, Gedeão Arapyú, Frank Bitencourt Fontes, Francisco Cirineu Martins Melgueiro, George Borari, Cauã Borari, Inory Kanamari, Manuele Pimentel Serra, Lucas Ycard Marubo; Coordenação: Marco Lucchesi, José

Ribamar Bessa Freira, Luis Geraldo Sant’Ana Lanfredi, Andréa Jane Silva de Medeiros e Luanna Marley; Supremo Tribunal Federal, Conselho Nacional de Justiça. – Brasília: CNJ, 2023.

196 p. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2023/07/constituicao-nheengatu-web.pdf>>. Acesso em: 28 de agosto de 2023

[30] LARA, Silvia Hunold Os Discussões Teóricas/Metodológicas de Textos Indicados documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico -Anos 90, Porto Alegre, v. 15. N. 28, p. 17-39, dez. 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/download/7953/4740/24478>>. Acesso em: 28 de agosto de 2023

[31] KOSELLECK, Reinhardt. O futuro passado dos tempos modernos e Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento. In: Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006, pp. 21-60. Disponível em: <<https://ppghs.fflch.usp.br/sites/ppghs.fflch.usp.br/files/KOSELLECK%2C%20Reinhart.%20Futuro%20passado.pdf>>. Acesso em: 28 de agosto de 2023

[32] SOUZA, Maria das Graças de. História e Declínio: Rousseau. In: Ilustração e História: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês. São Paulo: Discurso, 2001, pp. 45-93. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1gsyS9miQ3Mn3un_RZuxb6oXRMGhrG993/view?usp=drivesdk>. Acesso em: 28 de agosto de 2023

13. Fontes:

[33] ANCHIETA, Joseph de. Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil – fac similar. São Paulo: Edições Loyola, 1990. Disponível em: <https://www.google.com.br/books/edition/Arte_de_grammatica_da_lingua_mais_usada/mnk_fAAAAMAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover>. Acesso em: 20 de novembro de 2023

[34] ANCHIETA, Joseph. Diálogo da Fé Diálogo da Fé. Texto tupi e português com introdução histórico-literária e notas do CARDOSO, Pe. Armando, S.J., que inclui os textos fac- similares manuscritos classificados como APGSI N. 29 ms. 1730 e ARSI Opp. NN. 22 e sua cópia APGSI n. 33 ms. 1731. São Paulo: Loyola, 1988. pp. 122-123.